

çamos de que a palavra sem o exemplo quase nada representa.

Há muitas criaturas que não ajudam o seu semelhante alegando que confiam na lei do carma e afirmando que quem sofre está pagando o que precisa pagar. Diante dessa posição o Espiritismo indaga: "Mas quem lhe garante que não foi você o escolhido para tirar aquela criatura da sua provação?"

Como vimos, a dor surge para que tenhamos a necessária conscientização do mal que fizemos ao nosso semelhante. Por isso, podemos e devemos ajudá-lo, a fim de que ele adquira o equilíbrio indispensável para assimilar o sofrimento, ganhar experiência e, em consequência, tirar as lições proveitosas da dor.

4.2 Os Efeitos do Amor

Assim como a fé remove montanhas, também o amor remove as montanhas que criamos com os nossos próprios erros do passado. Podemos pagar com amor as nossas dívidas pretéritas. Jesus, ao nos ensinar o "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei" incitou-nos à realização mais segura e preciosa das leis de Deus em benefício da harmonia e do amor que deve reinar no coração de todos.

Quem quiser viver a vontade de Deus, que ame. Quem quiser amar, que procure multiplicar o "talento"

que lhe foi confiado para aplicar na seara de Deus, e que é a capacidade própria de servir, pondo esse talento à disposição de todos, para que todos dele se beneficiem como determina o Evangelho: "Que a luz seja colocada sobre o velador para que os que se aproximarem, dela se beneficiem".

Recomendamos a leitura da lição nº 20 contida na 2ª parte do livro do Espírito Hilário Silva, *A Vida Escreve*, psicografado por Francisco Cândido Xavier. Essa lição nos conta o caso de Saturnino, um homem simples mas que foi um cristão exemplar, e que muito amou, conquistando a amizade e o respeito de quantos o conheciam. Num acidente no trabalho, Saturnino perdeu o polegar, e posteriormente, no Centro Espírita onde colaborava ativamente, foi informado por uma entidade que, para ele, estava programado que perderia o braço naquela encarnação, para resgatar débitos de vida anterior. Mas, devido aos méritos acumulados na presente encarnação Saturnino resgatou com o seu amor grande parcela de suas dívidas, não lhe sendo mais necessário perder o braço, mas apenas e tão somente o polegar.

4.3 Como Ajudar ao Próximo?

Por sua definição vimos que o amor é um sentimento:

a) **Esclarecido**: a criatura que ama precisa saber o que está fazendo.

b) **Espontâneo**: quem ama dá sem esperar recompensa alguma.

Portanto, ajudar o necessitado não é atender aquilo que ele está pedindo, mas sim dar o que ele está realmente necessitando. Ao ajudar o próximo devemos ajudá-lo na sua evolução espiritual e física.

Eis por que é tão importante o conhecimento da existência e da sobrevivência do Espírito, bem como das leis que regem a sua evolução.

Sem tais conhecimentos, a boa vontade de um homem poderia precipitar no abismo uma coletividade. É preciso servir, mas acima de tudo é preciso **saber** servir.

5. Conclusão

Caminhamos portanto para o Plano Divino e como já sabemos o nosso destino, percorrendo esse caminho de forma consciente, alcançando as leis de Deus resumidas na lei maior do amor ao próximo como a si mesmos.

Agora o nosso entendimento se amplia, pois sabemos que no nosso destino caminhamos para a vivência do amor, ou seja, para aquele sentimento esclarecido e espontâneo de auxiliar o nosso semelhante na sua provação espiritual nas bases estabelecidas nos ensinamentos do Divino Mestre Jesus.

45.

AMOR A DEUS, AO PRÓXIMO, AOS INIMIGOS. A Lei do Amor e da Justiça frente às intercessões espirituais



1. AS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES DO AMOR

Excluindo-se o amor paixão, o simples desejo carnal, sendo o amor um sentimento esclarecido e espontâneo que leva a criatura a ser útil, auxiliando o próximo na sua evolução espiritual, vamos estudar algumas

formas de manifestação do amor, até se chegar ao amor a Deus, que é o objetivo principal, que se pretende alcançar.

1.1 O Amor de Mãe

O amor materno é um sentimento instintivo e uma virtude. A natureza deu

à mãe o amor aos seus filhos, visando a conservação dos mesmos. Nos animais, o amor se limita às necessidades materiais e cessa quando esses cuidados se tornam desnecessários. No homem, contudo, esse sentimento persiste por toda a vida e o leva a um devotamento e a uma abnegação que são virtudes.

Às vezes, ocorre que certas mães, contrariando as leis da natureza, odeiam ou abandonam seus filhos desde a infância e, em geral, quando isso ocorre, é uma prova ou expiação que o Espírito do filho escolheu por ter sido mau pai ou mãe perversa noutra existência. Entretanto, a mãe que assim age não ficará impune, e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos que conseguir vencer. Um belo exemplo de amor materno — o instintivo e o virtuoso — encontramos na poesia de Raimundo Corrêa:

A Leoa

Não há quem a emoção não dobre e
[vença,

lendo o episódio da leoa brava
que, sedenta e famélica, bramava,
vagando pelas ruas de Florença.

Foge a população espavorida,
e na cidade deplorável e erma
topa a leoa, quase sem vida,
uma infeliz mulher débil e enferma.

Em frente à fera no estupor do
[assombro,
não já por si tremia, ela, a mesquinha,
porém porque era mãe, e o peso tinha,
sempre caro p'ras mães, de um filho
[ao ombro.

Cegava-a o pranto, enrouquecia-a o
[choro,
desvairava-a o pavor!... e entanto, o
[lindo
e terno infante, pequenino e louro,
plácido estava nos seus braços rindo.

E o olhar desfeito em pérolas celestes
crava a mãe no animal, que pára e
[hesita
àquele olhar de súplica infinita,
que é só próprio das mães em transe
[desses.

Mas a leoa, como se entendesse o
amor da mãe, incólume deixou-a...
É que esse amor até nas feras vê-se...
E é que era mãe talvez essa leoa.

1.2 O Amor de Almas Gêmeas

Muitas pessoas admitem que cada um de nós possui em algum lugar do Universo a sua metade eterna, ou seja, a sua alma gêmea, a quem um dia, fatalmente, se reunirá. Entretanto é importante entendermos que não há união particular, há afinidades maiores

e menores. Em sentido geral, o que há é a união de todos os Espíritos, em diversos graus, e segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos os Espíritos, mais unidos se tornam. Portanto, o amor de almas gêmeas é, em suma, aquele que o Espírito um dia sentirá por toda a humanidade.

Finalmente não devemos nos esquecer que sendo a Terra uma escola de lutas regeneradoras ou expiatórias, encarnando-se, o homem pode consorciar-se várias vezes, sem que a sua união matrimonial se efetue com a alma mais afim da sua, muitas vezes distante da esfera material.

1.3 O Amor para com os Semelhantes

Amar ao semelhante significa, de acordo com a definição de amor, auxiliá-lo na sua jornada evolutiva, fazendo-lhe todo o bem que seja possível. Dessa forma, se formos trabalhar numa favela, não deveremos nos preocupar quantas famílias estaremos atendendo, mas sim quantas estaremos de fato recuperando, quantas pessoas estaremos ajudando a evoluir até o ponto de dispensarem o nosso auxílio.

1.4 O Amor à Pátria

Como devemos amar a Pátria? O que é o amor à Pátria? Tais indagações encontram vários tipos de respostas. Uns acham que amar a Pátria é sentir um grande amor por ela, é defender o solo onde se nasceu, os hábitos, os costumes, colocando o civismo como um sentimento bem aquém do que deve realmente ser. Amar a Pátria é trabalhar em seu benefício para que ela se eleve material e espiritualmente no convívio da coletividade humana.

Dessa forma, cada um de nós pode demonstrar seu amor à Pátria cumprindo com fidelidade suas obrigações perante o lar, a família, no trabalho e na comunidade social.

1.5 O Amor a Si Mesmo

Baseados novamente na definição do amor, concluímos que quando verdadeiramente nos amamos, trabalhamos visando a nossa própria evolução espiritual. Portanto, amar de fato a si mesmo não é ter uma atitude narcisista ou aprimorar os cuidados que devemos ter com o nosso corpo

físico (o que em parte está certo), mas desenvolver diariamente um esforço pelo aniquilamento do homem velho e o nascimento em nós do homem novo. É pois, em síntese, a realização da nossa reforma íntima para nossa elevação espiritual.

2. O AMOR A DEUS

Há várias teorias sobre como devemos amar a Deus. Uns acham que é ficar numa atitude contemplativa em relação à natureza. Outros afirmam que é sentir Deus no coração. Outros ainda acham que revelamos nosso amor a Deus com a construção de templos majestosos em Seu louvor.

Vimos no estudo da Lei da Evolução, que existe um fator primordial na Vontade Divina, tendente à unidade, ou seja, de que o todo se integre pelo congraçamento harmônico das partes. Como é absurdo para nós ajudar a Deus na sua evolução, porque Deus é a perfeição absoluta, concluímos que amar a Deus é contribuir com a evolução da Sua obra. Assim, podemos amar a Deus de várias formas, como segue:

- a) plantando uma árvore;
- b) modelando a argila;
- c) lapidando uma pedra;
- d) dando uma aula;
- e) educando;
- f) educando-se etc.

Consequentemente, todo o trabalho que realizamos no sentido de aperfeiçoar o que existe na criação é uma manifestação de amor a Deus. Sempre que tomamos uma forma pouco perfeita e através do nosso trabalho procuramos aperfeiçoá-la, estamos amando a Deus.

Dessa forma, até mesmo um ateu pode amar a Deus. Existem muitas pessoas abnegadas que amam a Deus sem acreditarem na Sua existência.

3. O AMOR AO PRÓXIMO

Há várias formas de amar a Deus mas, como disse Emmanuel:

“Há corações que se desfazem em louvores; temperamentos ardentes que pronunciam belos discursos, inteligências primorosas que demonstram sua existência. **Mas, existe um que se destaca por amar o próximo**”.

Portanto, em resumo, chegamos à conclusão que **amar a Deus é amar o próximo**.

Assim, evoluímos para Deus, para o Plano Divino, caminhando pelo trabalho conduzido pela lei de Justiça, na vivência do amor, através do amor ao nosso próximo. **Essa é a nossa meta!**

Exemplo expressivo de amor ao próximo encontramos na parábola do bom samaritano.

Um comentário é importante sobre essa parábola: após a narrativa, Jesus pergunta: "Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?" Respondeu o doutor da lei: "Aquele que usou de misericórdia para com ele". No caso citado a frase está certa: Jesus quis assinalar aquele que se interessa pelos problemas dos outros, que é solidário; mas nos seus ensinamentos, Jesus vai além e ensina a amar a todos, indistintamente. Amar a quem nos serviu ou ajudou é um amor quase que obrigatório, mesmo para as almas indiferentes ou ingratas; até mesmo por mero e mesquinho interesse pessoal o servido costuma distinguir aquele que lhe serviu. Isso é muito pouco dentro da doutrina de Jesus; ela é muito mais profunda e exigente, pois determina o amor igual para todos os semelhantes, necessitados ou não, amigos ou inimigos.

4. O AMOR AOS INIMIGOS

É evidente que quem deseja amar a Deus, amando toda Sua criação, necessita iniciar amando os seus familiares, que são os próximos mais próximos, e assim sucessivamente, até chegar ao ponto de conseguir amar os seus próprios inimigos.

Como amar nossos inimigos?

Desde que os encaremos como imaturos, retardados, ignorantes, isso se torna relativamente fácil conquanto de nossa parte não haja presunção de uma superioridade que não temos porque devemos lembrar que graças aos nossos inimigos encontramos os caminhos que nos conduzem aos planos superiores, pois sempre que nos desviamos do bom caminho eles nos agridem, permitindo-nos ver nossos próprios erros, sentir de imediato suas consequências na nossa vida e corrigir-nos mais rapidamente, recolocando-nos no caminho que nos leva a Deus.

Emmanuel compara aqueles que se aproximam de nós com aparência de inimigos, como nossos **examinadores**, ensinando-nos:

"Devemos receber, desse modo, os parentes difíceis e os amigos complexos, os adversários gratuitos e os irmãos desafortunados, tanto quanto aqueles que te apedrejam e ferem, perseguem e caluniam, por examinadores constantes de teu aproveitamento nas ciências da alma, de que os Mensageiros Divinos se fazem nossos instrutores abnegados na luta cotidiana... Cada um deles, hora a hora, te examina o grau de paciência e serviço, caridade e benevolência, perdão e fé viva, bom ânimo e entendimento.

E, lembrando-te de que o próprio Cristo sofreu ironia e espancamento entre eles, no dia da cruz, asserena-te na banca de provas em que te encontras, aprendendo a valorizar, em teu próprio favor, o poder da humildade e a força da compaixão".

Não há, portanto, utopia no Evangelho ao nos ensinar que devemos amar aos nossos inimigos. Basta que se coloquem as coisas nos seus devidos lugares, pois não vamos dedicar ao nosso inimigo a mesma ternura que dispensamos a um irmão ou um amigo. Não podemos depositar confiança nem ter expansões de amizade a quem nos quer mal.

Assim, amar aos nossos inimigos é perdoar-lhes incondicionalmente, sem

lhes guardar qualquer ódio, rancor ou desejo de vingança retribuindo sempre o mal com o bem.

5. A LEI DO AMOR E DA JUSTIÇA FRENTE ÀS INTERCESSÕES ESPIRITUAIS

Já vimos na aula anterior que algumas pessoas não aceitam as intercessões por julgarem que elas caminham em sentido contrário à lei da justiça, que, na sua sabedoria, dá a cada um segundo o seu mérito e à sua necessidade evolutiva.

Se isso é verdade, não menos verdade é que muitas vezes o Espírito erra por contingências próprias do meio em que vive; erros esses que não teria cometido se não habitasse tal meio. É justo, pois, que ele seja ajudado pela sociedade a se desvencilhar daquelas consequências do mal, pelas quais o maior responsável foi o próprio meio ambiente. Outrossim, considerando a reencarnação, quem nos poderá garantir que quando estamos tentando ajudar um semelhante qualquer, não estamos, na realidade, tentando apagar um velho débito?

Além disso, pela maior das leis, a lei do amor, devemos servir sempre. E quando se ama, nunca se comete uma injustiça, porque não há quem não precise do amor divino e mesmo do amor humano.

Por outro lado, o poder de servir é fruto da evolução, e o espírita que o



possui tem pleno direito de usar seu livre-arbítrio, faculdade essa que se vai ampliando à proporção que o Espírito avança na evolução para a perfeição divina.

Se essas intercessões não fossem possíveis dentro do Plano Divino da vida, então esse plano teria interditado integralmente o espírito de comiseração, de fraternidade,

de solidariedade, que é o espírito básico da lei, impondo, por outro lado, o princípio do egoísmo e do indiferentismo, pois cada qual, por mais evoluído que fosse, não teria o direito de usar de sua própria força, dentro da lei do amor, para ajudar, para servir. **Quem já subiu aos altos planos da espiritualidade sem ter sido ajudado e orientado?** E se

assim é, por gratidão e por justiça, deve cada qual olhar sempre para trás e concorrer para a evolução dos que estiverem na retaguarda.

O que não é permitido é uma **interferência direta, definitiva, resolutiva nos atos alheios**, quer no bem, quer no mal, impedindo o livre-arbítrio individual, o mérito da evolução do Espírito pelos seus próprios atos.

46.

A FILOSOFIA DA DOR

1. A DOR É UMA LEI?

A dor não é uma lei da vida espiritual mas, nos mundos inferiores como o nosso, ela desempenha um papel tão relevante para a lei da evolução, que bem merece ser meditada com mais profundidade, em uma aula à parte.

Realmente, ela **não** constitui uma lei mas apenas o choque de retorno das ações planejadas e executadas fora do Plano Divino. Essa reação, como já vimos, é sentida com tanta maior intensidade quanto maior for o nível evolutivo do que errou, estando, pois, na razão direta do nível de consciência já alcançado pelo Espírito.

Na realidade, a dor vem a ser a aplicação da lei da justiça (lei de ação e reação) sobre todo aquele que agir no sentido contrário ao da lei do amor.

Essa lei, como já vimos, é a meta final que o Espírito deve atingir em sua evolução e, por isso mesmo, não é propriamente uma lei, mas sim **a lei**, a maior de todas, aquela para cuja realização todas as demais concorrem como leis subsidiárias.

A meta é o amor, a solidariedade com tudo e com todos no sentido do bem-fazer, de tudo orientar para o caminho verdadeiro da evolução. A evolução é o caminho, progressivamente ascendente, que deverá ser percorrido pelo Espírito; a lei do trabalho é o meio pelo qual se pode fazer todo o percurso da evolução, sendo, ao mesmo tempo,

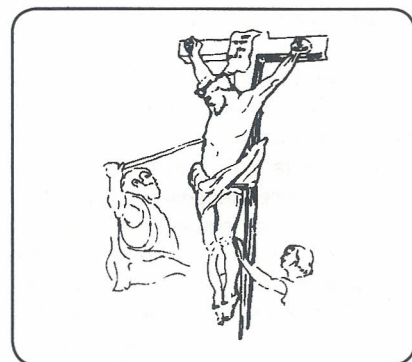
o fator que garante o mérito e que exercita o Espírito, desenvolvendo-lhe as faculdades que traz latentes em si mesmo como semente divina que é; a lei da justiça orienta o trabalho do Espírito na sua grande caminhada evolutiva para a meta final, o amor, ensinado ao Espírito, qual a natureza do trabalho que o elevará à concepção e à prática da grande lei das leis.

2. O SOFRIMENTO EXPLICADO

Assim sendo, todo sofrimento indica que o Espírito (ou a coletividade) agiu contra o amor; indica que a ação dificultou a marcha de seus semelhantes naquele sentido que é o único a assegurar a felicidade permanente.

Certamente foi por entender assim esse problema filosófico da vida que o Grande Apóstolo afirmou que "o amor cobre a multidão dos pecados". Quer isso dizer que não há erro humano que a prática do verdadeiro amor não sane; logo, todos os erros humanos, direta ou indiretamente, vêm a ser erros de **lesa-amor**.

Se atentarmos bem para qualquer erro humano, chegaremos à conclusão de que se trata, direta ou indiretamente, evidente ou veladamente, de um crime cometido contra o espírito de solidariedade, um ato que redundou em dificuldade ou tropeço para o nosso semelhante em relação à sua marcha evolutiva.



A **injustiça** prejudica; a **ociosidade** furta à sociedade a colaboração e se constitui em ônus por se tratar de uma função não-realizada, o que dificulta a marcha harmônica da sociedade; o **orgulho** humilha e desrespeita; a **vaidade** ofende e desperdiça; a **avareza** sonega; o **egoísmo** afasta as partes e rouba a colaboração; a **maldicência** cria obstáculos e às vezes precipita em abismos; a **sensualidade** degrada e rebaixa; o **ódio** destrói; a **mentira** dificulta e desorienta; enfim, qualquer mal acaba por provir, de fato, da ausência do amor, da falta desse espírito de colaboração para a realização da evolução.

Ferindo, pois, o semelhante, o homem se sentirá ferido, (lei da justiça) e será assim que, depois de múltiplas experiências nesse sentido, não desejando mais sofrer, e sabendo já que sofre porque fez alguém sofrer, passará a agir somente no sentido do bem geral, favorecendo, ao mesmo tempo, a sua própria evolução e a evolução da sociedade e do meio em que vive.

A dor é, pois, fenômeno-efeito e um fato provisório, fadado a ser vencido inexoravelmente com a ascensão evolutiva de cada Espírito. Ela indica sempre um erro em relação ao plano divino, à lei, ao amor, e vem a ser a força que acompanhará o homem até que ele volte para o plano, para a lei.

3. A DOR: ESSA NOSSA GRANDE AMIGA

Como Jesus é o símbolo e a expressão máxima do amor na Terra, costumamos dizer que, **quando o homem terreno não quiser caminhar de braços dados com Jesus, caminhará de braços dados com a dor; e essa dor é tão amiga do homem errado que de modo algum o abandona enquanto ele, voluntariamente, não voltar para os braços de Jesus.**

Como afirmar, então, que a dor é inimiga do homem e de sua felicidade, quando ela apenas deseja impelir esse mesmo homem para essa mesma felicidade? Por outro lado, como dizer que ela é a vingança ou a ira divina contra o homem que se rebela contra a verdade quando o Criador, permitindo que a dor tomasse parte ativa no fenômeno evolutivo, quis apenas alertar o homem a fim de que ele estudasse nova tomada de posição, a fim de que ele mudasse o rumo de seus pensamentos e de suas ações a favor de sua própria felicidade? Para os espiritualistas esclarecidos, a dor é uma esplendente manifestação do amor de Deus pelas suas criaturas, pois é uma arma poderosamente elucidativa da lei da evolução, arma essa que o homem poderá dispensar quando já tiver atingido alto grau de discernimento em relação às leis gerais da vida espiritual.

Face ao erro de lesa-amor, a dor é manifestação da justiça; face ao errado ou ao sofredor, a dor é manifestação da misericórdia do Criador, funcionando como bússola que norteia e como tábua que salva.

Frequentemente, a nossa atitude quando somos alcançados pela dor é de rejeição imediata, isto é, nos rebelamos contra o sofrimento. Com as lições que recebemos neste curso já aprendemos que para extraírmos da dor os seus ensinamentos proveitosos e úteis à nossa caminhada evolutiva, é indispensável assimilarmos o sofrimento serenamente, a fim de que o mesmo possa operar em nosso ser as necessárias transformações. Rejeitar a dor é sofrer repetidas vezes, pois somente quando a recebermos com compreensão e amor é que o "volume" do nosso **carma** começa a reduzir. É por isso que Emmanuel nos diz: "Aflição sem revolta é paz que nos redime".

Sugerimos ao amigo leitor inteirar-se da biografia de **Jésus Gonçalves**, (foto ao lado) valoroso trabalhador do Cristo que, no fim da sua existência no Asilo Colônia de Pirapitingui, olhava para as suas mãos consumidas pelo mal de Hansen e dizia: **"Como Deus é bom permitindo que eu pague um pouco do tanto que devo"**

"Da palhoça passei para os salões, onde nasceram novas ilusões que vieram sucumbir num leprosário..."

Jésus Gonçalves



Se quisermos ter um sinal seguro do índice evolutivo de uma determinada criatura, **observemos como sofre ela, como enfrenta o problema da dor e como o resolve.**

Cada qual sofre à sua moda, atestando o grau de evolução já alcançado.

4. BEM-AVENTURADOS OS QUE CHORAM

O que sofre está a caminho do esclarecimento e da redenção; ele limpa a mancha que criara e aprende a não mais incidir no mesmo erro, adquirindo sabedoria, afastando a ignorância que é o fator preponderante de nossos desacertos.

Por isso mesmo o Mestre já pontificou: "Bem-aventurados os que choram".

A interpretação errônea dessa afirmativa tem levado muitas criaturas de boa vontade a procurar a dor. Não foi isso que o Mestre ensinou; ninguém deve procurar a dor, mas sim enfrentá-la quando ela surge no cenário da vida, estudar-lhe as causas e procurar atacar essas causas de frente para que a dor não ressurja amanhã por causas idênticas; a dor vem exatamente para alertar o homem a fim de que ele vigie melhor seus pensamentos e suas ações, sendo sempre um índice certo de que ele não procedeu dentro do sentido da lei, que manda, acima de tudo, colaborar com todos de maneira a facilitar a reabilitação do Plano Divino.

5. SOFRIMENTO E EVOLUÇÃO

Os motivos de sofrimento também evoluem, como tudo aliás, na vida, de tal forma que o que não era ontem motivo de dor poderá vir a sê-lo amanhã, graças à maior acuidade do Espírito, ao seu mais elevado grau de consciência. É por isso que todo homem sofre quando vai passar de um plano evolutivo para outro mais elevado; superadas as condições de vida de um determinado plano, o homem, impulsionado pela evolução, sente o desejo de subir mais, e então penetra em um plano onde não se sente bem afinado, por falta de hábito, quando ainda se sente preso, justamente pelo hábito e pelo princípio da inércia, àquele plano mais inferior que ele habitou por tanto tempo e cujos conhecimentos e cujas leis ele já sabia manejar com precisão, sentindo-se por isso, bem equilibrado aí neste plano.

Esse esforço ascensional, individual e coletivo, tem que vencer as forças dos hábitos já sedimentados e da lei da inércia, o que já é um motivo de dor; se acrescermos a esses fatores a dificuldade de equilíbrio físico, intelectual, moral, econômico, social, no novo plano que ele vai habitar, desequilíbrio que infunde pavor, porque é a fonte de incerteza, teremos pela frente mais um motivo de sofrimento.

Toda ascensão é dolorosa e demanda espírito de **renúncia** (em relação ao que vai ser deixado no passado, como coisa já superada), **confiança** firme ou fé poderosa (em relação ao objetivo a ser alcançado) e forte espírito de **perseverança** (para que não fique a meio caminho e para que se capacite do acerto da nova tomada de posição).

Eis por que enquanto o homem não atingir a perfeição, integrando-se na vontade de Deus e dando-se como Deus Se dá, não conseguirá a felicidade absoluta; enquanto ele lá não chegar, há de desejar subir sempre mais, adaptando-se a condições de vida cada vez mais próximas da perfeição divina, e, pois, cada vez de realização mais difícil face aos seus velhos hábitos egoísticos, e frente às exigências da sua própria consciência que se vai tornando cada vez mais sensível, reagindo com intensidade cada vez mais profunda face aos desvios em relação à lei.

Eis aí um aspecto interessante do fenômeno dor; ele deve ser meditado com cuidado pelos aprendizes desta Escola do Evangelho, pois os vanguardeiros dos grandes surtos evolutivos são justamente os que mais sofrem segundo essa causa que acabamos de citar.

Esse sofrimento já é bem diverso daquele que o Espírito sofre pela lei de reação no plano em que ele está bem equilibrado, em que suas ações já se vão tornando automáticas e subconscientes; com efeito, se ele, o Espírito, sente certo desequilíbrio e certa incerteza na mudança, contudo

é de sua consciência, a qual já não considera como seu hábitat ideal o meio em que vivia.

Desse idealismo sadio e verdadeiro, nasce a têmpera, a audácia, o destemor dos vanguardeiros da evolução, os quais acabam por arrastar consigo toda a humanidade para as novas formas de vida, mais consentâneas com o novo diapasão vibratório da consciência.

6. O SOFRIMENTO DE JESUS

Por fim poderíamos ainda nos referir a um terceiro tipo de dor: é aquele que envolve as almas já emancipadas e divinizadas quando elas voltam aos mundos inferiores para nos ditar as novas condutas de vida que essa humanidade será chamada a viver.

Esses Espíritos não sofrem como os demais, pois a lei do carma só lhes propicia motivos de alegria; nada têm a resgatar; vêm como mestres e orientadores altamente categorizados, e eles não sofrem pelo que está dentro deles, mas apenas por contemplarem a tremenda ignorância e a rebeldia dos Espíritos atrasados; isso não é propriamente dor, pois nenhum pai ou nenhum professor sofre por contemplar a ignorância de seus filhos ou alunos, mormente sabendo que se trata de contingência provisória e que será sanada por eles mesmos, com o auxílio de seus pais ou mestres.

O sofrimento dessas almas emancipadas, como Jesus, consiste em apenas no descer das elevadíssimas esferas de luz, para se ombrearem

com os homens desses planos tão inferiores; isso é verdadeira morte para o Espírito, e esse o seu verdadeiro sacrifício feito a bem da evolução das coletividades humanas de baixo nível evolutivo.

Como essa situação está ainda muito distante de nós, para ela não devemos ou não precisamos atentar com muita acuidade e com muito carinho; ainda necessitamos de alguns milhares de séculos de evolução para nos tornarmos um Cristo ou um condutor de humanidades.

7. CONCLUSÃO

Assim, pois, já devida e suficientemente esclarecidos, saibamos ser práticos e inteligentes face ao fenômeno da dor; procuremos a sua causa próxima ou longínqua, na certeza de que a encontraremos, também na certeza de que ela está sempre dentro de nós mesmos; não culpemos, pois, esse ou aquele pelo mal que recebemos, pois não é por acaso que isso ou aquilo acontece conosco, e nem foi por acaso que já nascemos desta ou daquela forma, nesse ou naquele meio.

Tudo tem a sua razão de ser no seio harmônico da vida, e a lei determina que cada qual receba sempre conforme a sua capacidade e conforme a sua necessidade evolutiva, sendo, pois, colocados sempre em sua posição evolutiva e ideal.

Bendiguemos sempre as dores e as adversidades, pois que elas são degraus que devemos galgar para alcançarmos as esferas iluminadas dos mundos mais perfeitos.

47.

NORMAS DA VIDA ESPIRITUAL

1. APRESENTAÇÃO

A verdadeira vida, para a qual todos, indistintamente, nos encaminhamos, é a vida espiritual e suas

normas são uma consequência das leis que a regem. Vamos abordá-las resumidamente, na mesma ordem em que essas leis foram por nós estudadas.

2. COM RELAÇÃO AO PLANO DIVINO E LEI DA EVOLUÇÃO

Já vimos que o Plano Divino sintetiza o conjunto de Leis Naturais, eternas,

